

# A SEQUÊNCIA ARGUMENTATIVA NO GÊNERO COMENTÁRIO DE FACEBOOK

Sadart Vieira da Silva (UFRN)  
sadartvs@gmail.com

## Introdução

A leitura e a escrita nos nossos dias estão cada vez mais associadas às tecnologias e aos mecanismos de interação pessoal e coletiva trazidos pelos computadores, celulares, e congêneres, e pela internet. Hoje pouco se escreve no papel convencional e muito mais em telas, usa-se bem mais os teclados e a tecnologia *touchscreen*, do que o lápis e a caneta. Essa realidade de leitura e escrita obviamente está refletida na escola. Os alunos, principalmente os que frequentam o ensino fundamental e médio, nasceram e convivem desde cedo neste ambiente tecnológico em os textos, sejam escritos ou orais são trazidos através dos computadores, celulares e da internet.

Por causa disso, os estudos durante o processo de ensino e aprendizagem de textos na leitura e na escrita não podem e não devem relegar essas nuanças sociais e históricas que envolvem os textos. Não se pode ficar tão somente na leitura escrita de textos e de conteúdos a partir do suporte de papel ou do quadro, da caneta e do lápis. Conseqüentemente o uso dos meios tecnológicos digitais e da internet se coloca como não uma opção ou desculpa de modernização da aula para uma aula mais interessante, mas sim porque esses meios estão em uso real, disseminados e aceitos pela sociedade.

Em Língua Portuguesa, o estudo dos textos que se baseiam na leitura/escrita não mecanizada e contextualizada aos leitores/escritores, ao meio em que vivem e aos mecanismos de construção do próprio texto são vistos como um estudo do gênero textual e de suas sequências discursivas. O estudo do gênero textual e da sequência textual se apropriam, numa perspectiva discursiva, da forma, do porquê e do para quê se lê/escreve textos. Não teremos, nessa visão discursiva, o texto como produto pronto, fechado e hermeticamente significativo.

A leitura/escrita se faz pela interação entre o mundo vivido e construído socialmente e as estruturas linguísticas discursivas que podem constituir o texto a partir de sequências que não só distinguem ou encaminham as escritas do gênero, mas são contributos para a escrita mais produtiva e eficiente em um mundo diversificado pela possibilidade de variedade aberta pela escrita tecnológica mais rápida e frequente e criativa.

Por ser discursiva, a escrita/leitura realizada atualmente exige um ensino/aprendizagem compreensiva dos gêneros textuais que se modificaram e são modificados por uma escrita mais frequente, rápida e criativa, principalmente aquelas realizadas através da internet, notadamente nas redes sociais e nas mensagens instantâneas de textos.

Em virtude disso, parece ser premente utilizar textos que possibilitem ao aluno desenvolver o domínio da expressão oral e escrita em situações de uso público da linguagem, levando em conta a situação de produção social e material do texto (lugar social do locutor em relação ao(s) destinatário(s); destinatário(s) e seu lugar social; finalidade ou intenção do autor; tempo e lugar material da produção e do suporte) e

selecionar, a partir disso, os gêneros adequados para a produção do texto, operando sobre as dimensões pragmática, semântica e gramatical (PCN, 1998. p. 49).

Com essas considerações, esse texto pretende discutir as questões de gênero textual eletrônico, da sequência argumentativa e expor uma proposta de ensino-aprendizagem que envolva a escrita/leitura de textos para a identificação das características do gênero discursivo comentário, na internet e na sala de aula, para a produção de textos argumentativos, através de uma sequência didática, em situações reais de uso do gênero e da argumentação e suas funções sociais e possibilidades de circulação.

Dessa forma, e em síntese, apresentar-se-á uma possibilidade de ensino e aprendizagem da sequência argumentativa, a partir da leitura/escrita na rede social na internet (Facebook), utilizando gênero textual específico (comentário) em situações de uso menos formais (grupos de discussão no Facebook).

## 1. Gêneros textuais eletrônicos

Com a mídia eletrônica e seus vários suportes comunicacionais, a produção escrita e a leitura se diversificam, passam por um processo de mudança, não apenas formal, mas de comportamento e atitudes, intenções e interações. São escritas mais rápidas, mais sucintas, embora com compartilhamentos de conteúdos e ideias muito mais ágeis e em maior número, até pela simultaneidade das informações, do que na escrita em suportes físicos mais tradicionais. Os gêneros textuais, sempre maleáveis e adaptáveis aos suportes e às condições de escrita, moldam-se de acordo com os contextos tecnológicos que se apresentam tanto para os leitores, quanto para os produtores/usuários dessas novas situações de escrita, realizadas principalmente na internet.

Para a compreensão do que seja gênero textual, associamo-nos a seguinte conceituação teórica de gêneros textuais enquanto:

Fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social que contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia; Entidades sócio-discursivas e formas de ação social [...] em qualquer situação comunicativa. Eventos sociais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos que surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, na relação com inovações tecnológicas”. (MARCUSCHI, 2007:19).

Com essa visão, a escrita/leitura de gêneros textuais não se apresentaria descontextualizada e/ou distante das práticas de leitura/escrita que os educandos já realizam, principalmente nos ambientes virtuais da internet.

A discussão de que se trata aqui é se os gêneros textuais que surgem no discurso eletrônico são novos gêneros ou são readequações de gêneros já existentes? Conforme questão levantada por Marcuschi (2012): os gêneros mudam, são reciclados ou nascem novos gêneros? À resposta desses questionamentos, prossegue Marcuschi (2012, p. 16-17), podem-se rever conceitos tradicionais a partir desses gêneros eletrônicos percebendo também a relação desses gêneros com a oralidade e a escrita.

Com a quantidade de expressões surgidas nos últimos tempos em virtude do surgimento desses textos escritos na internet surge uma nova economia da escrita e com isso a criação de uma cultura eletrônica (2012, p. 17). Cultura e escrita que se propaga e

se estabelece de forma mais evidente no agrupamento juvenil, que se encontra na escola.

A inserção dos alunos na chamada cultura digital está sendo motivo de investimento dos governos nos processos educativos, uma vez que há investimentos em laboratórios de informática em escolas, entrega de computadores a alunos, além disso, o contato com as tecnologias se apresenta também bastante difundido com o acesso a aparelhos celulares com acesso à internet, computadores portáteis, *lan houses*.

As tecnologias que se apresentam nas escolas já não são apenas um novo recurso para ser incorporado à sala de aula, mas uma nova forma de interação que envolve a escrita. Por isso, a exposição dos alunos aos novos meios de interação tecnológica parece propiciar mudanças nas dinâmicas de ensino e escrita de texto.

Torna-se muitas vezes não só ineficiente, como contraditório trabalhar com gêneros que são pouco produtivos ou que nem mais fazem parte da vida cotidiana dos alunos e da própria sociedade, como a carta pessoal, via Correios, ou textos de jornais impressos, que poucos leem. Conforme Marcuschi, em análise quase que vaticínio do início dos usos de suportes textuais que hoje inclusive não se usam:

Já se pode indagar se a escola deverá amanhã ocupar-se de como se produz um e-mail e outros gêneros do “discurso eletrônico” ou pode a escola tranquilamente continuar analisando como se escrevem cartas pessoais, bilhetes e como se produz uma conversação (...). Quanto à escola, a resposta já está nos novos manuais didáticos do ensino fundamental que trazem reflexões sobre e-mail, blog, chat e outros gêneros. E quanto ao modelo conversacional, seguramente algumas revisões já estão sendo feitas. (2012, p. 19-20)

O destaque a gêneros que não mais fazem parte da vida social ou são pouco utilizados por parte da escola torna-se contraditório principalmente em uma proposta de ensino que compreende os gêneros como prática de leitura e escrita que se vincula aos contextos sócios culturais e históricos e altamente maleáveis e mutáveis (conforme Marcuschi (2007); Bazerman (2011), situados em sua relação com a comunidade social, a história e a cultura, bem como aos propósitos comunicativos).

Dessa forma, os gêneros que se constroem ou são constituídos no discurso eletrônico não são só situados na experiência de leitura e escrita dos alunos, como também podem se tornar meios eficazes de analisar os gêneros já conhecidos em sua maleabilidade e inserção social. É próprio dos textos escritos em meios eletrônicos e principalmente nas redes sociais da internet que os gêneros que para lá são transpostos muitas vezes sofrem mutações em virtude de que o suporte eletrônico apresenta suas peculiaridades.

## 2. Facebook: suporte de gêneros textuais

A escrita e a leitura nos suportes eletrônicos modificam o gênero textual, uma vez que elas se adequam ao suporte e às situações de interação entre os interlocutores e o contexto histórico. As redes sociais cada vez mais são utilizadas por um contingente de pessoas de idades, classes sociais e lugares diversos e diferenciados. Os jovens/adolescentes são a principal parcela de usuários dessas redes sociais que de

forma intensa leem e escrevem na internet, trocando postagens, informações pessoais, impressões e comentários diversos.

Uma das redes sociais mais acessadas e utilizadas é o Facebook. Em páginas sociais e ou grupos, o Facebook apresenta uma diversidade de postagens, dos mais diversos gêneros: piadas, poesias, charges, notícias, artigos, mensagens instantâneas, comentários. Estes gêneros, como ocorrem em ambientes eletrônicos, são multimodais e ineterativos: se entrelaçam e se misturam na leitura e escrita: A uma reportagem podem ser associados um artigo, uma imagem, um comentários, um vídeo.

No Facebook ocorrem práticas de leitura e escrita não só intensas, variadas e muitas vezes instantâneas, mas também que exigem dos usuários uma proficiência ou, no mínimo, uma adequação a essas práticas de escrita. Do contrário, o usuário poderá ser mero expectador ou pode se tornar facilmente manipulado por opiniões alheias e, às vezes, contrárias a seus valores, podendo ser induzido a crer em postagens que muitas vezes não correspondem à verdade factual. Muitas vezes os usuários cometam sobre essas postagens, posicionando-se sobre elas.

Há uma variedade de tipos de comentários no Facebook: comentários mais pessoais, curtos e de aprovação ou reprovação a postagens de imagens ou informações pessoais, bem como comentários mais complexos e com posicionamentos sobre temas variados como: política, dia-a-dia da cidade e da escola/trabalho, declarações e opiniões de artistas, políticos, personalidades, temas polêmicos envolvendo questões religiosas, comportamentais, e de outras ordens, que motivam novos comentários.

A capacidade de expor suas opiniões e ideias, nessas práticas de escrita de comentários, apresenta-se como importante e necessária para movimentos discursivos adequados tanto ao gênero comentário, quanto à sequência argumentativa. A escola deve se apropriar dessas formas e motivações de escrita/leitura nesse suporte para não só desenvolver a escrita e a leitura, mas para promover reflexões que possam contribuir para melhorar e desenvolver competências discursivas mais adequadas às situações que se apresentem aos alunos.

### 3. O comentário e a sequência argumentativa

Muito confundido com a crítica por causa do conteúdo opinativo, o comentário é um gênero textual que apresenta um juízo de valor emitido pelo autor, geralmente sobre uma obra qualquer – cinema, dança, literatura. Frequentemente encontra-se em jornais e revistas comentários sobre cinema ou TV.

Como todo gênero, o comentário foi se modificando por ser um fenômeno histórico e vinculado à vida cultural e social, maleável e dinâmico. Assim temos os comentários esportivos, os comentários sobre a vida alheia (fofoca), e por também se adaptar ao suporte tecnológico, o comentário no Facebook.

Todo comentário se constitui com uma sequência argumentativa? Sim, pois argumentar é expressar uma convicção, um ponto de vista, que é desenvolvido e explicado de forma a persuadir o ouvinte/leitor. Para isso é necessário que apresentemos um raciocínio coerente e convincente, a partir da noção de sequências discursivas.

Quanto à sequência discursiva, sob a denominação de padrões de escrita, os PCNs (1998) sugerem que esses padrões de escrita sejam desenvolvidos em função das exigências do gênero e das condições de produção e sempre, na feitura e refeitura dos textos, tenham em consideração a intenção comunicativa e o leitor a que se destina a produção (1998, p. 51 a 52).

As sequências discursivas constituem-se como unidades organizadas em níveis

crecentes de complexidades, que se determinam na união de proposições, frases, períodos, em macroposições, que são as sequências, que compõem um plano de texto (ADAM, 2011, p. 204).

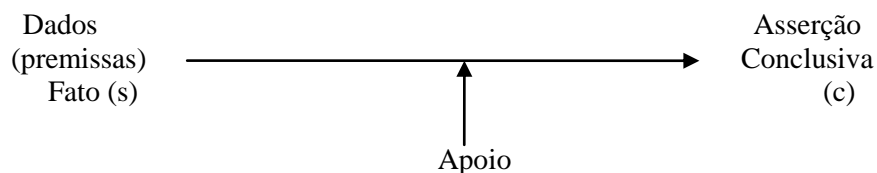
Cada texto apresenta as chamadas sequências de base, as quais, no ensino fundamental e médio e nos livros didáticos em geral, são conhecidas como tipos de texto: a descrição, a narração e a dissertação. Segundo Adam (2011), não se pode dizer que há, de forma geral, tipos de textos, mas sim uma dominante sequencial que se liga aos gêneros e subgêneros dos discursos e com eles mantém relações hierárquicas instáveis sempre suscetíveis de serem modificadas. Os gêneros apresentam dominantes e isso acontece por causa da heterogeneidade constitutiva dos textos reais (2011, p. 277).

Adam afirma a existência de cinco tipos de sequências de base: narrativa, argumentativa, explicativa, dialogal e descritiva. As sequências são macroposições, a partir de combinações pré-formatadas de proposições, às quais correspondem “tipos de relações macrossemânticas memorizadas por impregnação cultural (pela leitura, escuta e produção de textos) e transformadas em esquema de reconhecimento e de estruturação da informação textual” (2011, p. 205).

Como a cada gênero corresponde uma sequência de base, ao gênero discursivo comentário se apresenta como dominante a sequência argumentativa. Adam, a partir de Moeschler (1985), Ducrot (1987), compreende o discurso argumentativo como uma sequência textual discursiva que se relaciona à um contra-discurso efetivo ou virtual. Para se defender uma tese, há que sempre contra argumentar, tomando com base para a argumentação o discurso argumentativo do outro.

Para Adam (2004) apud Catelão (2010, p.) todo enunciado possui uma carga argumentativa, porém há textos em que ocorrem a argumentação prototípica notada em determinados gêneros, como o artigo de opinião, a resenha crítica, o ensaio. Os enunciados prototipicamente argumentativos evidenciam dois movimentos: demonstrar e/ou justificar uma tese e refutar outras teses ou argumentos adversos. Assim no movimento de contra argumentar, temos e podemos apresentar uma posição frente a uma tese inicial. Essa posição é mediada por fatos, argumentos e provas. Tal posição pode ser apresentada a partir de um simplificado esquema retirado de Adam (2011):

Fig. 1- Esquema 1  
Esquema 21



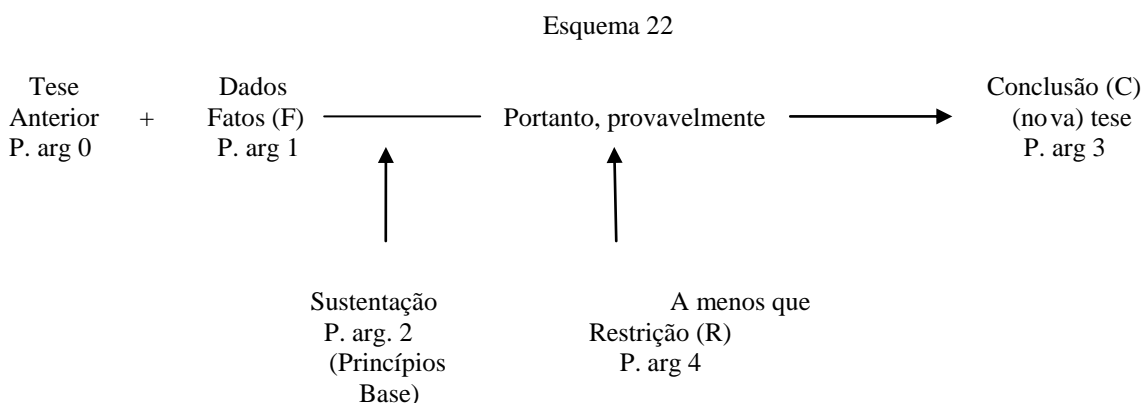
Fonte: Adam (2011, p. 233)

Nesse esquema simplificado podemos, a partir da leitura/análise do texto de comentário, demonstrar na leitura desses textos e evidenciar na contra argumentação necessária ao comentário, a compreensão de que a sequência apresenta, nos dados e premissas, a ideia inicial ou tese, com o apoio argumentativo, a partir da ancoragem de inferências. Tais inferências são compreendidas pelo discurso do outro, nos dados e premissas que podem apresentar uma afirmação ou conclusão, as quais podem ser

aceitas ou não.

Nessa perspectiva da argumentação, o movimento de apreensão surge na análise textual das proposições, dos dados e/ou das teses e na eventual captação de inferências que essas proposições podem estabelecer e sustentar conclusões, afirmativas, justificativas, que, no contra comentário, podem ser assumidas, ou contrapostas ou refutadas. O esquema a seguir apresenta essa posição mais claramente, retirado de Adam (2011):

Fig. 2 – Esquema 22



Fonte: Adam (2011, p. 234)

O comentário de Facebook apresenta esse encadeamento da sequência argumentativa. Como também apresenta o que Adam denomina enunciação direta ou enunciação do discurso, apoiando-se nas ideias de Benveniste e Weinrich, citados em Adam (2011, p. 293). A enunciação direta presente no comentário se estabelece entre os locutores na visível intenção de um querer influenciar no discurso do outro; dos interlocutores ativarem mecanismos de ação/interação por causa do discurso um do outro. Conforme Weinrich *apud* Adam (2011, p. 293): “Todo comentário é um fragmento da ação; por menor que seja, ele modifica a situação dos dois interlocutores e engaja, dessa forma, um e outro”.

Quando alguém comenta no Facebook o comentário é gênero textual que apresenta uma sequência textual argumentativa, uma ordem de ideias argumentativas, pois expressando sua opinião procura debater, expondo opiniões, concordando ou não com quem postou uma notícia, uma imagem, ou outro comentário sobre o tema. Temos uma sequência textual argumentativa que mantém relação a um contra discurso efetivo ou virtual. Para se defender uma tese, há que sempre contra argumentar, tomando com base para a argumentação, o discurso argumentativo do outro.

#### 4. Escrita de comentários no Facebook: uma proposta de ensino

Nesse ponto, pretende-se apresentar uma proposta de se trabalhar a sequência argumentativa a partir da escrita e leitura na rede social Facebook e da escrita do gênero comentário com a construção de sequência didática. O trabalho com módulos didáticos já está contemplado nos PCNs (1998). Para essa proposta serão adotados os modelos de

sequência didática sugeridos em Lopes-Rossi (2011).

A autora divide a sequência didática em três módulos didáticos: No primeiro módulo didático, deve-se fazer leitura do gênero a ser produzido. No segundo módulo didático, deve ocorrer a produção escrita. Lopes-Rossi compreende a produção da escrita em um trabalho inicial pela troca de informações e vivência do gênero em grupos. No terceiro módulo didático é feita a divulgação ao público da produção textual.

Fazendo-se as adaptações necessárias ao gênero eletrônico e aos objetivos referentes ao estudo dos gêneros e da sequência argumentativa, e ao contexto sociocultural dos alunos, propõe-se a seguinte sequência didática:

#### *Módulo didático 1*

a) Solicitação de uma pesquisa informal sobre o conceito de gênero em dicionários, internet, livros didáticos. Na sala de aula deve ocorrer a discussão desses conceitos. Segue-se com apresentação e análise, através de slides, de conceitos e considerações do que seja gênero textual e suportes textuais, exemplificando-se com o gênero comentário e o suporte tecnológico Facebook.

b) Apresentação e análise do gênero comentário e da intenção argumentativa presente no comentário, em slides.

c) Análise, a partir de leituras, de um comentário realizado no Facebook, percebendo:

1c- A sequência argumentativa presente no comentário em análise.

2c- Os elementos linguísticos que marcam a linguagem utilizada na internet e nesse tipo de gênero: marcadores da oralidade, signos, sinais e linguagem próprios do gênero eletrônico.

Esse módulo pode ser realizado em duas (02) aulas de 50 minutos.

#### *Módulo didático 2*

a) Após a análise de comentários efetuados sobre postagens no Facebook, em slides, propor uma produção textual em sala simulando um comentário no Facebook.

b) Receber e analisar os textos escritos quanto a adaptação ao gênero, ao suporte, à linguagem e à sequência argumentativa.

Etapas realizadas em duas (02) aulas de 50 minutos.

c) Criação de um grupo de discussão no Facebook, da turma do nono (9) ano, para a produção escrita real e interativa de comentários.

d) Mediador, fomentador inicial das discussões e moderador será o professor. O professor cria o grupo, posta links com reportagens, vídeos, notícias.

e) Os alunos, em prazo determinado (10 a 15 dias por postagem), devem escrever comentários sobre a situação inicial de discussões. Podem-se haver comentários de comentário.

f) Após o prazo para escrita dos comentários, em sala de aula, o professor aborda o gênero textual que motivou a discussão. Analisa, junto com os alunos, o processo de escrita dos comentários e da sequência argumentativa realizadas nesses comentários.

g) Evidenciar e orientar a prática de escrita do gênero comentário, a ser utilizado nas discussões, com orientações linguísticas sobre a sequência argumentativa.

As etapas desse módulo podem durar de 30 a 60 dias no monitoramento do grupo de discussões, nas análises dos textos produzidos pelos alunos no grupo e a discussão em sala de aula.

Espera-se que, com a prática da escrita argumentativa, com a preocupação linguístico-discursiva e a interação com a própria escrita, possam possibilitar espaços de

reflexão sobre o gênero textual.

### *Módulo didático 3*

Esse módulo de divulgação e vivência real com o gênero, de certa forma, já está contemplado no módulo 2, pois a escrita no grupo de discussão, já é vivência real e concreta dos objetivos de escrita da sequência argumentativa na rede social Facebook. Entretanto, com o andamento do projeto, pode-se sugerir que os alunos se posicionem em páginas de jornal, revistas, ou sites governamentais fazendo comentários. Outra proposta seria criação de um blog, ou de um grupo aberto no Facebook para discussões de temas e preocupações da escola, da comunidade em que a escola está inserida e do município.

Durante a aplicação da sequência didática, o procedimento de análise das aulas e do processo de ensino e aprendizagem ocorre de forma descritiva e reflexiva do processo de ensino-aprendizagem. Na sequência de análise da produção escrita dos comentários realizados pelos alunos, em sala de aula, perceberemos como os alunos desenvolvem sua escrita argumentativa e sua adequação ao gênero. Também deve ocorrer a análise dos comentários realizados no grupo de discussão percebendo a evolução argumentativa que os alunos conseguiram fazer a partir da leitura e da escrita. Esperam-se que os resultados que comprovem a viabilidade do uso da escrita em redes sociais para o ensino e aprendizagem, prático e interativo, dos gêneros e da sequência argumentativa.

### Conclusão

Assim, e diante de uma perspectiva sócio-interacionista e dinâmica do processo de ensino de gêneros discursivos e da sequência argumentativa, busca-se apresentar a análise e a utilização de procedimentos didático-pedagógicos para o estudo/prática do gênero textual comentário, a partir de escritas interativas e contributivas produzidas por alunos em redes sociais, como Facebook. Essas escritas podem se tornar pertinentes e adequadas às novas práticas de escrita em ambientes virtuais e ao conteúdo programático curricular sobre os textos argumentativos.

Pretende-se, com isso, tornar o processo de ensino-aprendizagem do gênero comentário no Facebook e da sequência argumentativa, não apenas produtivo e vivenciado, mas que promova a inclusão dos alunos de forma eficiente e criativa em comunidades e práticas discursivas reais, com a mediação do professor na promoção e no ensino-discussão dos elementos textuais e intencionais que o gênero e a sequência argumentativa propiciam e apresentam.



## Referências bibliográficas

ADAM, Jean-Michel. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. et al. *Análises textuais e discursivas: metodologia e aplicações*. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. (1999). *Linguistique textuelle: des genres de discours aux textes*. Paris, Nathan, 1999

BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais – Ensino fundamental– Língua Portuguesa*. Brasília: SEF/MEC, 1998.

CATELÃO, Evandro de Melo. *Textos argumentativos sob a ótica sociodiscursiva Jean-Michel Adam: primeiras aproximações*. In: <http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Evandro%20Catelao.pdf>. Acesso em 23/05/2014.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino*. Revista Brasileira de Educação, nº 11.

\_\_\_\_\_. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papyrus, 2007 <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2008-2/2SF/Marcelo/Educa%E7%E3o%20e%20Tecnologias.pdf>

KOCH, I. V. *Desvendando os segredos do texto*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2002.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. *Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos*. In: Karwoski et. al. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. . São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Ângela P; MACHADO, Anna R; BEZERRA, M. Auxiliadora. (Orgs.) *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p.19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SEABRA, Carlos. *Tecnologias na escola: Como explorar o potencial das tecnologias de informação e comunicação na aprendizagem* Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2010 disponível em:  
[https://www.institutoclaro.org.br/banco\\_arquivos/Cartilha.pdf](https://www.institutoclaro.org.br/banco_arquivos/Cartilha.pdf)